

Capitais Europeias da Cultura

Matera

O renascimento da cidade maldita

Proscrita para os italianos na segunda metade do século passado, a capital da Basilicata, pobre, remota e selvagem, tantas vezes ignorada, já integrava, em 1993, a lista de Património Mundial da UNESCO. Agora celebra a cultura durante todo este ano. *Sousa Ribeiro*



Quando o começo a escutar acredito que, se fosse humanamente possível, Paolo Verri estaria a falar de Matera, sempre de forma apaixonada, ainda no próximo século.

A primeira vez que visitei Matera foi já há muito tempo. Mas tenho a recordação bem vívida do que senti, caminhando por entre os *sassi*, de me encontrar num espaço único que, dotado da presença humana, parecia também um lugar de Deus, começa por admitir o director-geral da Fundação Matera-Basilicata 2019.

Por sugestão deste homem de 52 anos, natural de Turim, apaixonado pela cultura, pelo futebol (é presidente do clube Osvaldo Soriano e

da selecção nacional de escritores) e pelas viagens, planto um primeiro olhar demorado em Matera desde o Parco della Murgia (também designado - e capaz de cansar - Parque Regional Histórico Natural das Igrejas Rupestres de Matera), de onde obtenho a melhor panorâmica sobre a cidade à qual ainda tardo a regressar para melhor explorar este lugar tão carregado de misticismo.

Com uma área a rondar os 8000 hectares, com gargantas profundas, com trilhos, com cascatas e grutas utilizadas pelo homem desde tempos de antanho, o parque torna-se sedutor durante um bom par de horas, ainda assim insuficientes para admi-

rar cerca de centena e meia de igrejas rupestres, entre elas a admirável Cripta do Pecado Original, também denominada Cripta dos Cem Santos ou Capela Sistina da arte rupestre, com um conjunto de frescos do século IX que nos remetem para o Livro do Génesis.

Do outro lado, contrastando com a sombra que se espalha pela garganta profunda, o sol brilha sobre aquele *puzzle* de pedra que, tal como Plovdiv, reclama o estatuto de uma das cidades mais antigas do mundo. Os raios incidem sobre os *sassi* (as pedras), aquele labirinto de menos de 30 hectares presidido pelos seus dois bairros centrais, o *sasso Caveoso* e o

sasso Barisano, e elevando-se, naquela brancura leitosa e contra um céu azul, pela falésia calcária.

Admiro mais uma ou outra das igrejas do Parco della Murgia, de todo este cenário que inspirou cineastas e cujas imagens nos terão passado despercebidas, como n' *O Evangelho Segundo São Mateus* (de Pier Paolo Pasolini) ou *A Paixão de Cristo*, realizado, precisamente 40 anos depois, em 2004, por Mel Gibson.

Matera é do agrado de todos, até das crianças, que aqui podem caminhar, brincar, esconder-se e partilhar a atitude de, embora vivendo no passado, terem também a perspectiva de um lugar do futuro, um



lugar do *Star Wars*, por exemplo.

Recordo as palavras, a visão romântica, de Paolo Verri enquanto contemplo pela última vez, desde o Parco della Murgia, os *sassi*.

E é um lugar onde se partilha o amor e a amizade. Nos *sassi*, os rapazes também gostam de brincar, de saltar de casa em casa, de se esconderem com as raparigas para trocar um beijo.

Extrema pobreza

É quase impossível, caminhando por Matera, ignorar o passado daquela que ficou conhecida, em tempos e entre os italianos, como a

cidade maldita. Um dos lugares pré-históricos mais antigos da Europa, testemunha da presença humana logo após o Paleolítico, Matera, a troglodita, foi declarada vergonha nacional nos primeiros anos da década de 1950 pelo então Presidente do Conselho Italiano, Alcide de Gasperi, a que se seguiu a promulgação de uma lei que impunha a evacuação de 15 mil dos seus habitantes, deixando praticamente órfão, até 1990, o seu coração histórico - e as pessoas sentiram-se de repente estranhas, deslocadas para um outro espaço, sem saberem onde colocar os seus animais, admiradas por verem a água a correr de uma torneira.

Nesse tempo, os habitantes de Matera viviam em condições de extrema pobreza, em grutas escavadas na pedra, sem ventilação, sem luz natural, sem electricidade e água corrente, famílias com nove e dez filhos, partilhando espaços já exíguos com burros, porcos e galinhas - dessa realidade deu conta, em 1945, Carlo Levi (enviado para o exílio em 1935 pela ditadura de Mussolini para a região do Mezzogiorno), em algumas linhas do livro *Cristo parou em Eboli* (mais tarde, em 1979, adaptado ao cinema por Francesco Rosi). "Em toda a minha vida nunca vi semelhante quadro de pobreza", assegurava o escritor natural de Turim.

Com pouco mais de 60 mil habitantes, a capital da região tantas vezes ignorada da Basilicata, para uns pobre, para outros remota, para outros, ainda, selvagem, é um exemplo de vida, morte e ressurreição - como um deserto (de habitantes) transformado num oásis (de turistas), talvez porque foi o primeiro lugar em todo o Sul de Itália a integrar, logo em 1993, a lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

Nos dias de hoje, de esplendor, Matera exhibe uma face mais moderna (uma lei de conservação, de 1986, protege o exterior das casas), muitas dessas caves foram transformadas em hotéis de luxo, abrindo caminho

à especulação imobiliária. De ano para ano, tem vindo a aumentar o número de turistas e, a exemplo do que acontece noutras cidades italianas, são cada vez mais aqueles que alugam as suas casas, retirando identidade aos *sassi*.

Na verdade, o turismo mudou Matera nos últimos cinco anos. No início, os residentes sentiam-se orgulhosos e felizes por receberem os turistas na cidade que em tempos fora a vergonha de Itália, o lugar onde ninguém quis voltar durante mais de 30 anos, agora declarado Património Mundial da UNESCO e visitado por turistas de países tão distantes como a Nova Zelândia, a

China ou o Japão, começa por observar Paolo Verri.

Atrás deles, à medida que se iam escutando os ecos do renascimento da cidade, chegaram italianos de outras localidades para aqui se fixarem e, de acordo com um estudo recente da Universidade de Siena, mais de 25% das casas de Matera estão disponíveis para alugar no Airbnb, um número sem paralelo em todo o país.

Como sucede um pouco por toda a Europa, em cidades grandes e mesmo nas mais pequenas, assiste-se a um novo fenómeno de turismo de massas que conduz a uma reflexão sobre a relação →

Capitais Europeias da Cultura

entre a cidade e o turista. É nesse sentido que estamos a trabalhar, na redefinição dessa relação, em alargar a oferta turística a outras zonas de Matera, retirando pressão aos *sassi*, assume Paolo Verri.

Alguns desses passos começam a ser dados já a partir do próximo sábado, dia da cerimónia de abertura de Matera-Basilicata 2019, com um conjunto de eventos que abrange diferentes áreas da cidade e com a criação de um passaporte (adquirido por 19 euros e que dá acesso a todas as iniciativas, ainda que em alguns casos seja necessário reservar antecipadamente), o *temponaut*, uma medida que pretende transformar o viajante num cidadão temporário de Matera, incentivando-o a um maior diálogo com a população residente.

Não é por acaso que Matera adota o lema “Open Future” durante este ano de grande importância para a cidade.

Estamos empenhados em desenvolver uma estratégia que permita manter a qualidade de vida numa cidade média/pequena como Matera. É necessário perceber como é possível reconfigurar o futuro das cidades europeias desta dimensão e esta é uma grande oportunidade para redefinir esse papel, convidando as pessoas a investir na criatividade e na cultura. Daí o lema de Matera, “Open Future”, porque essa é uma oportunidade que não está na mão dos políticos mas sim nas mãos do cidadão comum, assegura ainda Paolo Verri.

Com diferentes projectos em carteira até ao final do ano, Matera foca-se em cinco temas que servirão de base para todas as iniciativas. O Futuro Remoto é um deles, na perspectiva de provocar uma reflexão sobre a relação milenária entre a humanidade e o espaço e as estrelas, seguindo os passos de um dos mais notáveis residentes de Matera, Pitágoras, enquanto se explora a beleza universal da Matemática e se analisam as infinitas possibilidades de diálogo entre o homem e a natureza, proporcionando momentos culturais em espaços físicos tão distintos como as igrejas rupestres ou o Centro Geodésico Espacial.

Continuidade e Ruptura é outra das temáticas a explorar, focando-se na relação de conflitualidade de Matera com a modernidade e na possibilidade de uma terapia colectiva que afaste os fantasmas dessa cidade maldita, dessa ou-



A Piazza Vittorio Veneto, com a sua cisterna do século XIX, é o coração histórico de uma urbe que tem nos *sassi* a sua maior atracção



trora vergonha nacional, sem deixar de despertar o cidadão para a crescente desigualdade social, para o ressurgimento do racismo e para todos os problemas sociais em continentes como a Ásia e a África.

Num século marcado pela pressa, pelo ritmo frenético de vida, Matera também procura despertar o visitante para uma redescoberta dos valores do tempo e da calma através do tema Reflexões e Conexões, enquanto Utopia e Distopia, outra das temáticas, pretende afastar os preconceitos que pairam, como fantasmas, sobre esta cidade do Sul de Itália, alertando, ao mesmo tempo, para a necessidade de uma profunda mudança numa mentalidade fatalista.

Finalmente, Matera também se revê no tema Raízes e Percursos, na mobilidade da Europa e da própria região desde tempos ancestrais, como espaço de encontro e de convergência de diferentes povos até se chegar aos dias de hoje, do regresso da diáspora, de uma geração de jovens atraídos pelos valores da cultura meridional.

E, um pouco por todo o lado, cruza-me com italianos (mas também investidores estrangeiros) que gozam desta ressurreição de Matera, desta nova bênção que cai sobre a cidade em tempos amaldiçoada. Deito um olho às profundezas do fosso da Gravina e começo a subir ao longo de ruas estreitas até chegar à Piazza del Duomo, dominada pela imponente catedral do século XIII, com as suas influências normandas, lombardas e orientais. Ao lado, na

antiga igreja de Santa Maria di Costantinopoli, está bem guardada a Madonna della Bruna, a santa padroeira de Matera que é celebrada, com uma procissão, todos os anos, a 2 de Julho. De novo no exterior, sigo ao longo da Via Duomo, ao encontro da igreja de San Francesco d'Assisi (século XIII) que presta homenagem à visita de São Francisco a Matera, em 1218.

A cidade percorre-se a pé, sem pressas, apelando a uma atenção permanente aos pequenos detalhes de uma paisagem invulgar. Mesmo que Paolo Verri deseje alargar Matera, convidando os turistas a não se focarem apenas nos *sassi*, dificilmente algum deles deixará de passar a maior parte do tempo nestes labirintos de um tempo que não parece ser do nosso tempo. Permito que os meus passos me conduzam sem destino definido pelo *sasso* Barisano e sem grandes demoras deixo que a minha boca se abra de espanto nesse magnífico complexo monástico (usado por monges beneditinos de origem palestiniana no século XIII) composto pela Madonna delle Virtù e de San Nicola del Greci, com dezenas de grutas que se espalham por dois andares. A primeira foi construída no século X ou XI e restaurada já no século XVII, a segunda destaca-se pela riqueza dos seus frescos.

Mais tarde, sempre nesse ritmo tranquilo que suporta um dos temas de Matera como Capital Europeia da Cultura, vou errando agora pelo *Sasso Caveoso*, prestando culto à Chiesa di San Pietro Caveoso, admirando os frescos em Santa Maria d'Idris e, já na Via la Vista, à de Santa Lucia alle Malve, até regressar a esse passado de condições de vida extremas que tão bem retrata a Casa-Grotta di Vico Solitario, como um testemunho vivo dessa convivência (com graves consequências na taxa de mortalidade infantil) entre homens e animais.

Ainda disponho de tempo que deixo correr quando aprecio a Piazza Vittorio Veneto, o coração histórico de Matera, com o seu *palombarolungo*, uma enorme cisterna construída na primeira metade do século XIX como reserva de água para os habitantes de *Sasso Caveoso*. E daí avanço até outra praça, a Piazza del Sedile, em tempos o coração político de Matera, hoje abraçada por bares e restaurantes que são mais uma prova do renascimento da cidade maldita.

A vida fervilha em Matera.



O aeroporto mais próximo (cerca de 60 quilómetros) de Matera é o de Bari Palese. De Lisboa ou do Porto não há voos directos para a capital da Apúlia, província do Sul de Itália. Mas a Ryanair (www.ryanair.com) pode ser uma opção (a visita de São Francisco a Matera, em 1218).

Outra possibilidade de estudar é com a TAP (www.flytap.com) de Lisboa até Roma e, após uma escala, com a Alitalia (www.alitalia.com) até Bari. Ainda que não seja a opção mais prática, pode recorrer a outras cidades europeias, como, por exemplo, Munique ou Amsterdão, ligadas pela Air Dolomiti (www.airdolomiti.eu) e pela Transavia (www.transavia.com), respectivamente, para chegar ao aeroporto de Bari, de onde há transporte directo de autocarro para Matera (cerca de uma hora). Se preferir o comboio, terá de deslocar-se (de comboio, de autocarro ou de táxi) até ao centro da cidade, na Piazza Moro, de onde sai o serviço da Ferrovie Appulo Lucane com destino a Matera (aproximadamente uma hora e meia).



Matera, com uma luz tão especial e distinta durante as quatro estações, pode ser visitada em qualquer altura do ano. Mas, desde que não tenha interesse num evento especial numa das capitais europeias da cultura deste ano, a Primavera é a época mais aconselhável para apreciar esta cidade italiana. Logo, pela temperatura, não se sente o calor, não se sente o frio, o ideal para caminhar pelas ruas de Matera e para fazer caminhadas nas redondezas desta urbe do extremo sul da península do país. Precisamente por força da sua localização, Matera pode revelar-se tremendamente quente no Verão, mais em Julho e Agosto, com os termómetros a registarem valores quase insuportáveis.

Em contraste, Setembro e Outubro são outros dois meses em que se pode desfrutar verdadeiramente de Matera. O Inverno suporta-se melhor do que o Verão, é frio mas a magia da época natalícia parece aquecer corpos e corações.



Ristorante Ego
Via Stigliani, 44
Matera
Tel.: 00 39 392 90 30 963
E-mail: info@egogourmet.it
www.egogourmet.it
Preço: entre 40 e 80 euros (bebidas não incluídas), dependendo do menu eleito. Deixe-se seduzir por um dos menús confeccionados pelo conceituado chef Nicola Egò, com os seus sabores antigos e as suas técnicas modernas.

La Talpa Ristorante Pizzeria
Via Fiorentini, 167
Sasso Barisano
Tel.: 00 39 835 33 50 86
info@latalparistorante.it
www.latalparistorante.it
Preço: entre os oito e os 25 euros por prato principal.



Hotel in Pietra
Via San Giovanni Vecchio, 22
Sasso Barisano
Tel.: 00 39 835 34 40 40
www.hotelinpietra.it
E-mail: info@hotelinpietra.it
Preço: entre 70 e 160 euros por um duplo e entre 200 e 230 euros por uma suite. O hotel dispõe igualmente de um espaço independente, o Loft 79, a curta distância, na Via Lucana, 79, com uma tarifa de 120 euros para um máximo de duas pessoas. Situado numa zona central, a escassos 300 metros da Piazza Vittorio Veneto, este boutique-hotel, aberto em 2008, seduz desde logo pelo seu ático, abrigado numa antiga capela do século XIII - e não menos sedutores são os nove quartos.

Sextantio - le grotte della civita
Via Civita, 28
Sasso Barisano
Tel.: 00 39 835 332 744
www.legrottedellacivita.sextantio.it
E-mail: matera@sextantio.it
Um total de 18 quartos, elegantemente mobilados e uma antiga cripta que funciona como espaço comum, sem dúvida um dos lugares mais mágicos para uma noite em Matera com reflexo natural nas tarifas (quartos a partir de 150 euros e suites entre os 280 e os 350 euros).



Matera tem alguns museus interessantes, como o Museo Nazionale Ridola, ocupando o antigo convento de Santa Chiara (século XVII) e com uma impressionante colecção de artefactos que inclui admiráveis peças de cerâmica grega. Não deixe de investir algum do seu tempo no MUSMA, o museu de escultura contemporânea que se abriga no Palácio Pomarici, com os seus frescos do século XVII no primeiro andar e uma amostra que traça o percurso da escultura desde 1880 até aos nossos dias, incluindo trabalhos do britânico Lynn Chadwick.



Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, bilhete de identidade ou cartão de cidadão) para visitar o país. A moeda é o euro. A língua oficial é o italiano.

Capitais Europeias da Cultura

Plovdiv

A cidade antiga com atitude moderna

Ergue-se sobre as suas sete colinas sem hipotecar um passado tão ligado a diferentes civilizações, caminhando sem medo e cheia de dinâmica rumo a um tempo que se funde na sua história ancestral. A cidade búlgara partilha com Matera o título de Capital Europeia da Cultura. *Sousa Ribeiro*



● Plovdiv está de cara lavada. Dela tenho uma memória. Mas já lá vão 25 anos.

Pouco tempo quando comparado com a sua história, tão remota. Há registos que a apontam como a sexta cidade mais antiga do mundo permanentemente habitada. Há quem jure que os trácios já pisavam este solo 4000 anos a. C., uma existência que, a ser verdade, torna Plovdiv como a cidade mais antiga do continente europeu.

Este sábado, 12 de Janeiro de 2019, Plovdiv está nas bocas do mundo por outras razões - por ser o dia em que inaugura, oficialmente, um vasto programa de actividades até ao final do ano como uma das capitais europeias da cultura, a par de Matera, com quem parece ter tanto em comum, mais que não seja esse passado distante.

Estruturado em quatro plataformas temáticas, o programa, rico em cores e em eventos, inspira-se na história búlgara, no temperamento dos Balcãs e na elegância da Europa, com iniciativas que prometem satisfazer todos os gostos e atrair, ao longo do ano, mais de dois milhões de turistas. Há lugar para o folclore, para as tradições locais, para os amantes da arqueologia e da história, para a gastronomia (Mood for Food) e para os vinhos que já nesse passado longínquo eram produzidos pelos trácios. Hedonista e boémia como é, a cidade não ignora todos os tipos de público e tem agendado, para os últimos três dias de Junho, o Hills of Rock, com a presença de bandas como os Whitesnake, os Garbage e, entre outros, os Disturbed, enquanto o popular Plovdiv Jazz Fest, com uma história de quase 20 anos, terá lugar em Novembro (pelo meio, em Setembro, há ainda o interessante e invulgar Love Swing Dance Festival).

Após quatro anos de preparação, Plovdiv está preparada para proporcionar, até aos últimos dias de Dezembro, mais de 300 projectos e cerca de 500 iniciativas, não apenas na cidade mas um pouco por toda a região do Sul da Bulgária e estendendo-se mesmo a Sófia, Veliko Tarnovo e Varna, as finalistas da segunda ronda da competição para definir a capital europeia da cultura - "Juntos" será o lema de Plovdiv, procurando construir pontes para o futuro e, ao mesmo tempo, maximizar a au-



DR
As casas barrocas, de artistas e ricos mercadores, decoram a parte antiga daquela que é uma das cidades mais antigas do mundo

bém vulgarmente conhecido como Georgiadi Kashta) tão concentrado na revolta de Abril de 1876 e no massacre dos búlgaros em Batak, por sua vez tão intimamente ligado à declaração de guerra dos russos à Turquia no ano seguinte.

Plovdiv, cidade das sete colinas, das *tepes* - designação turca para colina - surpreende.

Há outros ainda, como o museu de arqueologia, com colecções dos trácios e dos romanos, exemplos de cerâmica ou de joalharia, artefactos eclesiásticos ou ícones e toda uma parafernália em exposição, ao lado de mais de 60 mil itens arqueológicos que atrasam uma visita a outro museu de História, situado no mesmo espaço, mas focado na unifi- →

tenticidade dos eventos culturais.

À minha frente tenho, mal a manhã desperta, o anfiteatro romano, uma obra magnífica com capacidade para entre 5000 e 7000 espectadores que alguns atribuem ao imperador Domiciano, outros a Marco Aurélio, outros ainda a Trajano - mas escavações recentes reforçam a tese de que foi mandado erguer no século I, por Tito. É neste espaço, apenas descoberto na década de 1970 e devido a um deslizamento de terras, que terá lugar um dos espectáculos mais aguardados em 2019, o Opera Open (já iniciada há dois anos e sucessor de um festival com mais de 30 anos de tradição), com um total de 10 espectáculos entre 14 de Junho e 31 de Julho, contemplando, entre outros, um tempo dedicado a Verdi e *performances* de ballet com estrelas do teatro Bolshoi de Moscovo.

Museus e galerias

Plovdiv é uma cidade com tanto do passado e com outro tanto do futuro, com museus que expressam essa herança e com galerias de arte que nos remetem para um outro tempo, menos distante, mais indefinido. Plovdiv é um paradoxo. Entre os primeiros, o melhor mesmo é começar pelo museu etnográfico, com mais de 40 mil artefactos, entre trajes típicos, instrumentos musicais, joalharia e artesanato tradicional, um admirável mundo velho que inclui peças em áreas tão distintas como a tecelagem, o metal, a viticultura e a apicultura - mas também não se surpreenda se encontrar, entre material utilizado para a produção de vinho, outros aparatos, talvez menos familiares, destinados à destilação de essência de rosas.

Vale a pena dar um salto até aos aposentos, originalmente do século XIX, situados no primeiro andar;

para admirar os tectos em madeira esculpida daquele que é o monumento mais renomado de Plovdiv e cuja construção se iniciou em 1847, tendo como proprietário Agir Koyoumdjioglou, antes de o edifício se transformar num internato feminino e, mais

tarde ainda, num armazém de tabaco e de farinha.

Aprecio os museus de Plovdiv.

Na Ulitza Lavrenov, a curta distância de mais de 60 mil itens arqueológicos que atrasam uma visita a outro museu de História, situado no mesmo espaço, mas focado na unifi- →

ID: 8440968
size: 6.958 by 432.341
OMD

Capitais Europeias da Cultura

As galerias de arte e os museus inundam Plovdiv, histórica e cosmopolita, hedonista e boémia

cação da Bulgária, em 1885, através de uma amostra de documentos, de fotografias e de pertences dos protagonistas.

O sol rompe por entre as nuvens e dá uma trégua ao cinzento matinal. Deixo-me inebriar, por momentos, pelos cheiros das ruas do coração histórico. Há galerias de arte que quero invadir, com mais ou menos tempo, errar pelo agradável bairro de Kapana, com os seus bares e restaurantes, com os seus artistas. Não tarda, deixo-me seduzir pelo Centro Cultural Thrakart, que avisto muito antes, do exterior, sem desconfiar da presença de mosaicos romanos e de outros artefactos (até mais antigos) e muito menos ainda de concertos num pequeno palco no interior. E, durante a tarde, como num desfile, algumas dessas galerias de arte vão poando à frente dos meus olhos, como convites tentadores, aliciando-me a entrar, a contemplar, com tempo, sem pressas, nessa errância feliz que deve marcar a vivência do turista perante a arte (talvez perante a vida).

É assim, num passo tranquilo, quase medido, que me identifico com a obra de Dimitar Kirov, percorrendo com o olhar uma exibição permanente que, abrigada numa antiga mansão do coração histórico de Plovdiv, perpetua a vida e o trabalho daquele que, cruzando-se com a morte aos 73 anos, pode ser considerado o mais original de todos os artistas nativos, com trabalhos em que se projectava a cor, fosse em mosaicos ou em materiais abstractos.

Das tepes e das casas

Cidade universitária, segunda maior do país logo após Sófia, a capital, Plovdiv tem ainda a vantagem de estar próxima de tantas outras atracções culturais e espirituais no Sul (resultado da presença de trácios, romanos, macedónios, eslavos, bizantinos e turcos), como o mosteiro de Rila (o maior e o mais renomado em toda a Bulgária), de lugares tão mágicos, tão fiéis à natureza, como os seus lagos emoldurados pelas pedras que se recortam contra o céu, a suave cordilheira de Rodopi e as montanhas Pirin (com picos a aproximarem-se perigosamente dos 3000 metros), sem ignorar (imperdível) os vinhos de Melnik e essa paisagem, tão envolta em serenidade, que nos transporta para pirâmides de arenito - assim é Plovdiv, esse inestimável testemunho do passado



Plovdiv, cidade das sete colinas, das tepes - designação turca para colina - surpreende, mais desperta, mais viva, mais cultural e afectiva do que Sófia, a capital

que teima em trilhar os caminhos do futuro, na esperança de não hipotecar nem um nem outro.

Há mais galerias de arte (uma permanência ou um regresso dos artistas parecem ser sintomas em comum entre Plovdiv e Matera) na cidade búlgara, mais dinâmica, mais viva, mais desperta, mais cultural, mais afectiva do que Sófia - Plovdiv deveria ser, para um viandante ou para um turista, a cidade de eleição na Bulgária (e provavelmente só não se tornou capital porque o Congresso de Rila (o maior e o mais renomado em toda a Bulgária), de lugares tão mágicos, tão fiéis à natureza, como os seus lagos emoldurados pelas pedras que se recortam contra o céu, a suave cordilheira de Rodopi e as montanhas Pirin (com picos a aproximarem-se perigosamente dos 3000 metros), sem ignorar (imperdível) os vinhos de Melnik e essa paisagem, tão envolta em serenidade, que nos transporta para pirâmides de arenito - assim é Plovdiv, esse inestimável testemunho do passado

Mesmo depois de deitar olhares, mais ou menos fugazes, a espaços culturais, mais ou menos públicos ou privados, à procura de arte moderna (Encho Pirokov), de obras de Goshka Datsov, Konstantin Velichkov e Nikolai Rainov, mesmo de Georgi Mashev e de Vladimir Dimitrov (no State Gallery of Fine Arts), de me sentir alguém com muito tempo no Phi-

lippolis Art Galery, a primeira galeria de arte privada de Plovdiv, prestando homenagem, num velho edifício de 1865 (a casa de Hadzhi Aleko), a artistas dos séculos XIX e XX, mestres búlgaros como o (já citado) Vladimir Dimitrov, Anton Mitov e Dimitar Gyudzhenov - mesmo nessa altura, quando a arte me pesa, percebo que Plovdiv tem muito mais para me mostrar, do passado ou do futuro, entre memórias e promessas.

Chego, a meio de uma tarde de sol, ainda que tímido (o sol e eu), à parte velha de Plovdiv, não tardando a sentir-me esmagado pelo peso dessa história de séculos, à sombra dessas velhas casas cujas paredes poderiam falar de um passado que por vezes ocultam.

Não recupero, quando caminho, memórias dessa Plovdiv de há 25 anos que, ainda assim, permanece tão íntima, tão acolhedora.

A casa Nedkovich, com um passado que remonta a 1863, com um pátio que apazigua o espírito, com tectos em madeira que fomentam

a imaginação, com os seus muros cheios de flores, tão inspiradores, é um dos muitos espaços que se podem visitar na velha Plovdiv, um entes muitos, do qual pode tornar-se difícil a recordação à medida que o visitante se vai embrenhando neste pequeno mundo tão feito do passado - com tanto para ver. Sem grandes correrias, alcanço a casa de Zlatyu Boyadzhiev, na Ulitza Sâborna, em pleno coração histórico da cidade, com pinturas do nativo homónimo; mais para diante, na Ulitza Dr Chomakov, dou o tempo por bem gasto (se é que o tempo se pode gastar) numa outra casa, não menos mediática, no local onde Atanas Krastev viveu até os seus dias se expirarem, em 2003. Atanas Krastev era um pintor, um conservadorista, fiel aos seus trabalhos abstractos do século XX, expostos num edifício que se destaca pelas suas mobílias, pelas recordações pessoais do artista, mas também pelas panorâmicas que se abarcam desde as varandas ou mesmo pelas exposições que de-



coram, aqui e acolá, o jardim que tenta dar um amplexo à mansão.

Parece que nunca me canso de Plovdiv, desse passado, dessas memórias, tão presentes, de igual forma, na sua vocação religiosa.

A igreja de Sveta Bogoroditsa, também na Ulitza Sâborna, atrai o meu olhar, pela sua grandiosidade, dominando, no cimo de uma escadaria de pedra, a cidade, com o sino, rosado e azul, clamando todas as atenções, como se nada mais existisse no interior da igreja (levantada em 1844 no lugar onde antes, no século IX, se erguia uma capela) - mas existe, há ícones e murais, um deles retratando um soldado turco, brandindo a sua espada enquanto atormenta camponeses búlgaros.

Mesmo ao lado, ainda na Ulitza Sâborna, percorro na mais completa solidão, a igreja de Sveti Konstantin & Elena, a mais antiga de Plovdiv, construída sobre um antigo templo romano e dedicada a Constantino (e à sua mãe, Sveta Elena), o grande, o imperador que viveu no

século IV e definiu como religião principal o Cristianismo Ortodoxo.

Ainda há tempo para apreciar a arquitectura mais recente da igreja, datando de 1832, mais os ícones pintados por Zahari Zograf entre 1836 e 1840.

E dali não me vou embora sem plantar os olhos nos frescos do pórtico.

Levanto os olhos e vejo o que resta dos muros da fortaleza de Philopolis (assim a baptizou Philip II da Macedónia, pai de Alexandre, o Grande, quando a conquistou).

Também eu regresso ao passado. O autocarro arrastava-se pelas ruas, a rapariga, com uns chinelos calçados, acabara de cobrar a todos os passageiros e, nessa altura, sentindo o dever cumprido, sentou-se em cima do motor, partilhando pevides com o motorista. Foi há 25 anos, é muito tempo, mesmo em Plovdiv. Não tenho culpa de guardar apenas esta memória. Agora sei que preservo outras. Só não sei é por quanto tempo.

guia

À falta de ligações directas entre Lisboa e Plovdiv, não lhe resta outra alternativa: procurar o voo mais em conta e o mais directo possível, uma tarefa que requer tempo e paciência para ligar as duas cidades. Tempo e paciência podem ser poupados se voar para Sófia e daí, recorrendo a este ou àquele meio de transporte, para uma das capitais europeias da cultura em 2019, situada a não mais do que 70 quilómetros, com a vantagem de bordejar a A1, a auto-estrada que liga a capital do país a Plovdiv. Pode, desde que a sua viagem implique múltiplos destinos (ou um diferente ponto de partida), dar uma espreitadela no site da Ryanair (www.ryanair.com), com ligações a Plovdiv, embora erráticas, desde Stansted, em Londres, desde o aeroporto de Milão/Bergamo, em Itália, e a partir e com destino a Charleroi, na Bélgica. Mas Sófia é, na maior parte dos casos, a alternativa a ter em conta, talvez até com a própria companhia aérea irlandesa de baixo-custo, com ligações até Malpenza e, para Lisboa, desde Bérghamo.

A Sófia não é difícil chegar. KLM (www.klm.com), por exemplo, ou a Austrian (www.austrian.com), entre outras, requerem escalas a partir de Lisboa mas podem oferecer, por outro lado, possibilidades mais baratas para chegar à principal cidade búlgara e, logo a seguir, em menos de uma hora, a Plovdiv, se calhar em menos tempo, com um carro alugado.

Desde o aeroporto há transporte público para Sófia, o nº 84 deixa-o no centro, devendo ter como referência a paragem do hotel Pliska, onde se inicia uma outra viagem, no 213 ou no 305, até ao terminal de autocarros ou a estação ferroviária (posicionam-se no sentido oblíquo, a curta distância um do outro).

Se olhar para Plovdiv como capital europeia da cultura, um ou outro evento, neste ou naquele mês, tratará de preencher as suas ilusões, de o seduzir; se olhar a cidade, pensando em nada mas apenas no clima, os dias que começam na Primavera e se estendem, mais quentes ou mais frios, até meados de Outubro, são provavelmente os melhores para visitar Plovdiv.

Restaurante Puldin
Ulitza Knyaz Tseretelev, 8
OO 359 32 631 720

Um daqueles restaurantes onde quase vale a pena entrar apenas pela decoração, com uma sala que nos remete para os derviches do Império Otomano e outra, na cave, com as suas paredes do período bizantino e artefactos romanos.

Restaurant Hemingway
Ulitza Gurko, 10
OO 359 32 26 73 50
www.hemingway.bg
office@hemingwaybg.net

Hotel Renaissance
Praça Vazrajdane, 1
OO 359 32 26 69 66
www.atrenaisancesq.com
info@renaisancesq.com
Preço: entre 65 e 85 euros de Novembro a Março e entre 69 e 99 de Abril a finais de Outubro. Situado numa casa construída no século XIX, inteiramente renovada para proporcionar todo o tipo de conforto, o boutique-hotel Renaissance oferece quatro quartos espaçosos (um cor-de-rosa, outro amarelo, outro verde e outro azul) e um apartamento (vermelho), com os seus bonitos motivos florais nos tectos e nas paredes, num estilo tão característico de Plovdiv.

Hikers Hostel
Rua Saborna, 53
OO 359 896 76 48 54
www.hikers-hostel.org
plovdiv@hikers-hostel.org
Preço: 25 euros para um quarto duplo ou entre sete (sem extras, como lençóis e pequeno-almoço) e dez euros em dormitório. Uma opção mais económica para viajantes independentes, localizado nas proximidades da mesquita Dzhumaya (desde o terminal rodoviário ou desde a estação ferroviária pode recorrer aos autocarros 7, 20 e 26).

Se olhar para Plovdiv como capital europeia da cultura, um ou outro evento, neste ou naquele mês, tratará de preencher as suas ilusões, de o seduzir; se olhar a cidade, pensando em nada mas apenas no clima, os dias que começam na Primavera e se estendem, mais quentes ou mais frios, até meados de Outubro, são provavelmente os melhores para visitar Plovdiv.

Não deixe de admirar as ruínas do antigo estádio romano, o forum, o Odeon, os vestígios trácios (5000 anos a.C.) de Eumolpias, as suas casas barrocas do século XIX, a mesquita Dzhumaya, uma das mais antigas dos Balcãs, com o seu minarete erguendo-se 23 metros acima do solo (na verdade a maior de todas as mesquitas entre mais de meia centena que em tempos decoraram a cidade). E, além das descritas, as casas de Danov (escritor) e do mercador Balabanov.

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).

Os cidadãos portugueses apenas necessitam de um documento de identificação (passaporte, cartão de cidadão ou bilhete de identidade) para visitar a Bulgária. A moeda é o lev, que equivale a 0,51 euros (na maior parte dos casos, em hotéis e restaurantes, por exemplo, pode pagar em euros). A língua oficial é o búlgaro, falado por mais de 80% da população (não esqueça que o alfabeto é em cirílico).